

## **Sobre a contemporaneidade do fenômeno da semiformação: uma análise a partir do ensaio ‘A Filosofia e os Professores’**

On the contemporaneity of the phenomenon of the semi-formation: an analysis from the essay Philosophy and Teachers

Zaira de Oliveira Canci<sup>1</sup>

**Resumo:** O fenômeno da semiformação é tratado cuidadosamente por Adorno em seu texto *Teoria da Semicultura*, mas também é possível observar sua preocupação com o tema nos ensaios que compõem a coletânea *Educação e Emancipação* como em *A Filosofia e os Professores*. Nestes textos, o filósofo analisa, partindo de sua experiência como professor examinador, os candidatos submetidos à prova geral de filosofia para ingresso nas escolas superiores do Estado de Hessen. Nessas entrevistas, os jovens apresentavam uma inquietação exagerada. Não compreendiam os motivos pelos quais deveriam se voltar ao estudo de correntes e sistemas filosóficos exigidos pelo concurso. Viam como desperdício o tempo que teriam de destinar para esse fim, uma vez que não utilizariam esses conhecimentos nas suas vidas profissionais. Para o filósofo, o comportamento dos candidatos revela aspectos da própria semiformação, ou seja, a evidente valorização da formação imediata e técnica, voltada especificamente às funções a desempenhar em detrimento da formação cultural que deveria nortear a vida docente. O objetivo deste artigo, portanto, é analisar a semiformação através do ensaio *A Filosofia e os Professores* como fenômeno que também se estende à formação dos professores, o que torna sua crítica urgente.

**Palavras-chave:** Formação; Semiformação; Educação; Autonomia; Maioridade.

**Abstract:** The phenomenon of semi-formation is treated carefully by Adorno in his text *Theory of Semiculture*, but it is also possible to observe his concern with the theme in the essays of the collection *Education and Emancipation* as in *Philosophy and Teachers*. In these texts, the philosopher analyzes starting from his experience as examining teacher, the candidates were submitted to a general test of philosophy for admission in Hessen State's high schools. In these interviews the young people had an exaggerated restlessness. They did not understand the reasons why they should turn to the study of currents and philosophical systems required by the contest. They saw it as a waste of time since they would not use that knowledge in their professional lives. For the philosopher, candidates' behavior reveals aspects of the semi-formation itself, that is, the evident valorization of the immediate and technical formation, directed specifically to the functions to be performed to the detriment of the cultural formation that should guide the teaching life. The aim of this article, therefore, is to analyze semi-formation through the essay *The Philosophy and Teachers* as a phenomenon that also extends to the training of teachers which makes their criticism urgent.

**Key words:** Formation; Semi-formation; Education; Autonomy; Majority.

### **Introdução**

No presente artigo procuramos analisar, a partir dos textos *Teoria da Semicultura*<sup>2</sup> e do ensaio *A Filosofia e os Professores*, a atualidade da crítica adorniana à semiformação<sup>3</sup>, tendo em mente que o filósofo

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Professora de Filosofia e Sociologia no Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis e no Centro de Ensino Médio Integrado UPF/Passo Fundo-Brasil.

<sup>2</sup> Nos reportaremos ao artigo de modo abreviado. Trataremos pelas siglas TS.

<sup>3</sup> Ao analisar a contemporaneidade da crítica adorniana à semiformação, considerou-se as particularidades do momento histórico presenciado por Adorno. Seu texto que data de 1959 analisa uma sociedade em que o capitalismo se encontrava em

escreveu a partir de uma sociedade onde predominava a decadência da cultura e, consequentemente, da educação. Defendemos a tese a respeito da contemporaneidade de sua crítica desenvolvida ainda no século passado, pois o fenômeno da semiformação e seus impulsionadores continuam presentes e exercendo influência no atual cenário educacional.

Deste modo, desenvolvemos nossas reflexões em dois passos. Primeiramente, apresentamos uma reconstrução e análise do fenômeno da semiformação, mostrando, da mesma forma que Adorno, o momento histórico no qual a formação cultural, enquanto ideal de liberdade, maioridade e autonomia esteve mais perto de sua realização. Retomamos a crítica adorniana à transformação da cultura em bem de valor a si mesmo: fato impulsionado pela fase monopolista do capitalismo e pelas novas relações de trabalho.

No mesmo tópico e ainda com o argumento adorniano, nos voltamos à influência da Indústria Cultural à socialização da semiformação, pois a democratização dos chamados bens culturais, ou seja, a transformação da cultura em mercadoria, não contribuiu para a formação cultural, mas sim, para a semiformação. Contemporaneamente, tem agido decisivamente para que se compreenda a educação em seu sentido meramente adaptativo e instrumental.

A partir do ensaio *A Filosofia e os Professores*, analisamos a semiformação como fenômeno presente também na formação dos professores e, com base nisso, apontamos a possibilidade da generalização da semiformação como fenômeno mundial. Como consta no ensaio, o objetivo do exame, ou prova geral de filosofia, era avaliar se os candidatos conseguiriam ir além do seu aprendizado, isto é, das habilidades e especificidades da sua área do conhecimento. Pretendíamos averiguar se os examinados, futuros professores, seriam capazes de desenvolver reflexões acerca do sentido de sua profissão, sua área de trabalho, bem como do seu trabalho em relação ao mundo. Enfim, que se mostrassem dispostos à atitude filosófica e não apenas atitudes relacionadas exclusivamente a sua área do conhecimento ou à especificidade de suas formações. É com base nisso que ratificamos: a semiformação estende-se perigosamente à formação dos professores, aqueles que terão a tarefa de conduzir as futuras gerações ao alcance de sua autonomia.

### **Sobre a contemporaneidade do fenômeno da semiformação**

Iniciamos analisando o texto *Teoria da Semicultura*. Nessa obra, Adorno aponta para os impulsionadores do fenômeno da semiformação, observando que ele poderia se estender para além da realidade observada naquele período, na Alemanha. Seus argumentos se voltam à realidade extrapedagógica do fenômeno e propõe uma análise crítica, apontando para a insuficiência das reformas pedagógicas sozinhas resultarem em verdadeiras transformações à formação.

[...] isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. Igualmente, diante do ímpeto do que está acontecendo, permanecem insuficientes as reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural [...] (ADORNO, 1969b, p. 388).

---

sua fase monopolista e com crescente desenvolvimento técnico e industrial.

## Sobre a contemporaneidade do fenômeno da semiformação: uma análise a partir do ensaio ‘A Filosofia e os Professores’

Com tais premissas, direciona sua argumentação às condições objetivas da semiformação, quer dizer, atesta que “[...] os processos educacionais não se restringem ao necessário momento da instrução, mas que certamente o transcendem” (PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA; ZUIN, 1999, p. 116). Depositar confiança apenas na autonomia da pedagogia significa desconsiderar a influência dos meios materiais e socioculturais que perpassam o processo formativo, e é justamente essa realidade que Adorno observa ao tratar do fenômeno da semiformação. Adorno posiciona-se claramente ao dizer que as análises precisam transcender esse momento. Devem, portanto, investigar a forma como a indústria cultural, a economia e as exigências do mercado de trabalho interferem e até determinam os processos educativos.

O filósofo se ocupou do resgate da formação cultural por motivação análoga, a qual levou Kant a se ocupar do Iluminismo em pleno século das luzes. Para Kant, sua época não se constituía ainda como já esclarecida, mas como um momento de esclarecimento<sup>4</sup>. Na *Teoria da Semicultura*, observou que a democratização de informações e dos bens culturais, impulsionados pela mercantilização da Indústria Cultural<sup>5</sup>, não contribuiu ao acesso a formação cultural, porém, converteu-a em seu contrário, em semiformação<sup>6</sup>.

A semiformação mantém traços comuns com o conceito kantiano de menoridade. Kant, no texto em que responde se o século das luzes seria uma época esclarecida, evidencia a dificuldade de desvencilhar o sujeito do estado de menoridade. Ao invés de sermos diretamente tutelados pelas ordens, dogmas e normas das instituições religiosas, atualmente estamos submetidos aos comandos dos produtos semiculturais, apoiados pela falsa democratização da produção simbólica. Portanto, a transformação em mercadoria da cultura e formação.

Adorno afirma ser necessária uma teoria mais abrangente para dar conta desta problemática, pois a “formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada” (1996b, p. 389). Para tanto, reconstrói o momento histórico em que os ideais da formação cultural estiveram mais próximos de sua concretização, ao mesmo tempo em que analisa as causas do seu insucesso. Aponta, com esse incursão pela história, as consequências da mercantilização dos produtos simbólicos, da transformação da cultura em mercadoria e, de certo modo, a sujeição da formação às exigências do mercado.

É importante ressaltar que o conceito de formação que nos reportamos se ampara na tradição grega, mas sua base nuclear é encontrada na *Bildung*, tradição alemã que exerceu influência determinante nas

<sup>4</sup> Para uma análise mais completa, ver o livro *Educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*, assim como a obra de Immanuel Kant, *Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?* Ambas citadas nas referências.

<sup>5</sup> O conceito Indústria Cultural foi desenvolvido por Adorno e Horkheimer no ano de 1947. Aos autores interessava caracterizar a produção simbólica que não é oriunda do genuíno saber popular, mas do interesse do mercado, da economia. Foi por este motivo que os autores não fizeram uso do termo “cultura de massas”, pois pelo conceito se poderia compreender uma produção simbólica que permanecesse inacessível ao mercado.

<sup>6</sup> Antônio Álvaro Soares Zuin, no artigo *Sobre a Atualidade do Conceito de Indústria Cultural*, desenvolve uma nota acerca da tradução do conceito *Halbbildung*. O autor escreve sobre sua opção em trabalhar com a tradução de *Halbbildung* por semiformação. De acordo com o autor, que se apoia em Wolfgang Leo Maar (apud ZUIN, 2001, p. 17): “*Halbbildung* é traduzida por semiformação justamente para tentar respeitar o sentido global que Adorno procurou imprimir ao termo: ao mesmo tempo registra a limitação da finalização do processo – incompletude, pela metade – e a plena validade do processo formador como tal, ainda que travado. [...]”. Zuin opta por essa tradução, pois “há que se destacar a permanência da sutileza nessa escolha de tradução do conceito, pois a semiformação apresenta-se de forma dissimulada, como a redentora do embrutecimento subjetivo do indivíduo, mas, na verdade, como já disse Adorno, é a inimiga mortal da formação (*Bildung*). O termo semiformação resguarda, no plano subjetivo, o sentido emancipatório da formação que se converteu em ideologia, em decorrência do crescente processo de hegemonia da Indústria Cultural” (ZUIN, 2001, p. 17).

concepções sobre educação da modernidade, a qual entende por formação “algo processual que envolve o conjunto das potencialidades de desenvolvimento do ser humano” (CENCI; DALBOSCO; FÁVERO, 2008, p. 107).

Neste contexto, *Bildung* significa cultura ou formação cultural. Para Adorno (1996b, p. 389), a formação “nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva”. Em outras palavras, é um equipar-se para orientar-se no mundo em uma relação dialética que é impensável sem adaptações, mas que ao mesmo tempo impõe-se equipar o indivíduo de modo tal que mantenha suas qualidades pessoais, ou seja, formar para a adaptação e resistência. Nesse sentido, formar-se para a originalidade, ou seja, manter-se como resistência e ainda capaz de realizar experiências autênticas com o mundo (ADORNO, 1996b, p. 144).

Com isso em mente, no parágrafo 6 da *TS*, Adorno se reporta ao momento histórico no qual a formação cultural esteve mais perto de realizar seu objetivo, possibilitando uma sociedade de homens livres e iguais. Momento em que os ideais da formação cultural foram assumidos pela jovem burguesia como ideal de liberdade. De acordo com ele, quando a burguesia tomou politicamente o poder, no século XVII na Inglaterra e XVIII, na França, encontrava-se cultural e economicamente mais desenvolvida que o sistema feudal. A queda do sistema feudal para o progressivo domínio burguês mostrava-se como o momento oportuno a realização dos ideais da formação cultural. O ideal de uma sociedade livre e justa pelo acesso e usufruto dos bens espirituais por todos os homens parecia mais próxima da realidade. Porém, o comprometimento com os ideais da formação cultural não fluiu, pois

Assim que a sociedade burguesa se consolida, as coisas já se transformam em termos de classes sociais. [...] Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação, e acima de tudo o ócio (ADORNO, 1996b, p. 392-393).

As formas de organização da nova sociedade, especialmente no que concerne a organização do trabalho, excluíram as pessoas de pouca riqueza e os camponeses do acesso à formação cultural. Duarte interpreta que o cerne da teoria adorniana da semiformação repousa na “ideia de que as camadas desfavorecidas da população, antes que tivessem podido se ‘formar’ [...], tornaram-se facilmente presas do modo atual – tecnologicamente mediado – da ideologia, isto é, a indústria cultural” (2003, p. 444) e mesmo que fossem fornecidas as possibilidades de uma formação cultural, esta já se encontrava monopolizada e transformada em bem de consumo pela classe burguesa.

Chamou atenção de Adorno a rapidez com que a formação cultural se transformou em educação técnica, educação dirigida aos interesses das classes dominantes e, dessa forma, educação para o trabalho. Passou-se a exigir dos trabalhadores o domínio do conhecimento ligado somente às ciências naturais, ocasionando a tendência à valorização do conhecimento que possibilita o pleno domínio da natureza, reduzindo o conhecimento e a educação ao desempenho de tarefas técnicas. Entendemos o conceito de semiformação, de acordo com Zuin (2001, p. 10), pela oferta de uma formação que é apresentada como a maioria, mas que na verdade contribui para a manutenção da miséria cultural. Assim, impossibilita que

## Sobre a contemporaneidade do fenômeno da semiformação: uma análise a partir do ensaio 'A Filosofia e os Professores'

se realizem experiências formativas autênticas, que não se voltam ao desenvolvimento da aptidão à experiência, que é essencialmente a conscientização para a dissolução desses mecanismos que são repressores, reativos e que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência (ADORNO, 1996b, p. 150).

Para Adorno, o fracasso dos movimentos revolucionários que realizariam a cultura como liberdade provocou a retração dos ideais da formação cultural, não somente no que se refere à sua realização, mas no entendimento do próprio conceito de formação. “[...] o *a priori* do conceito de formação propriamente burguês, a autonomia, não teve tempo algum de constituir-se e a consciência passou diretamente de uma heteronomia<sup>7</sup> a outra” (1996b, p. 393). Nesse ponto, Adorno faz referência específica à televisão e ao cinema. Entretanto, contemporaneamente, podemos citar os *sites* de busca, a *internet* e também redes sociais. São oferecidas variadas possibilidades de acesso à informação que são reconhecidas como bens de formação. Porém, a oferta encontra-se de antemão formatada, adaptando a busca e, consequentemente, o gosto. Essa movimentação é característica de um sistema que mercantiliza a informação, o conhecimento e a educação.

Adorno também apontou a absolutização da cultura. “Por fim, na linguagem da filosofia pura, a cultura se converteu, satisfeita de si mesma, em um valor” (ADORNO, 1996b, p. 389). Como se negasse as condições sociais que determinam sua produção, reduz-se, por um lado, como algo com valor em si mesmo, absoluto. Por outro, torna-se a mera adaptação e conformação com a situação vigente. O filósofo entende que, congelada em uma dessas categorias, a cultura perde sua força de transcendência colocando-se em contradição com seu próprio sentido, fortalecendo e promovendo mais ainda a regressão. A cultura conformada com a vida real destaca unilateralmente o momento de adaptação, o que impede, segundo Adorno (1996b, p. 390), que os homens eduquem-se uns aos outros. Absolutizada em si mesma, afastada das coisas humanas, a cultura torna-se semiformação. Tal ideia é reforçada no exemplo que segue:

Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe for inerente [...] (ADORNO, 1996b, p. 389).

Ambas as situações convergem para a semiformação que, de acordo com Pucci, Ramos-de-Oliveira e Zuin (1999, p. 58), é a produção simbólica na qual predomina a dimensão instrumental voltada unicamente ao conformismo e à adaptação. A cultura é constituída pela tensão entre os momentos de autonomia, liberdade e de configuração da realidade, ou seja, a adaptação. A cultura é esta tensão: “Ser autônomo sem deixar de se submeter; submeter-se sem perder a autonomia [...]” (PUCCI, 1997, p. 90). Adorno aponta para a necessidade de reavivar essa tensão que constitui a cultura sem absolutizar nenhum

<sup>7</sup> Adorno faz referência ao comportamento heterônomo “No lugar da autoridade da Bíblia, instaurou-se a do domínio dos esportes, da televisão e das ‘histórias reais’, que se apoiam na pretensão de literalidade e de facticidade aquém da imaginação produtiva” (1996b, p. 393). Faz referência ao conceito kantiano, ou seja, a incapacidade da saída de um estado que é o de menoridade, de fazer uso do próprio entendimento. Nesse ponto é possível relacionar essa incapacidade de fazer uso do próprio entendimento com o modo com que a sociedade se relaciona com os meios de comunicação de massa. Porém, deve-se ter claro que Adorno se volta aos pressupostos dessa incapacidade e aponta a inaptidão de se realizar experiências formativas como o cerne da heteronomia.



dos seus polos antagônicos, pois a absolutização em detrimento de outra coisa nega a potencialidade crítica e a compreensão da realidade.

A cultura não pode se restringir à produção espiritual, ser compreendida como algo sagrado, tampouco ser apenas bem mercadológico, uma vez que isso a isola e a dissocia das coisas humanas, reforçando a semiformação. A cultura, nesta perspectiva, torna-se adaptação ao existente empreendimento feito pela indústria cultural através da mercantilização da produção simbólica que objetiva apenas preencher o tempo das pessoas. Esse tempo deveria voltar-se à realização de experiências formativas, mas se destina a vivências e informações contínuas de fácil alcance oferecidas pela falsa democratização da cultura.

Como afirmou Adorno (1996b, p. 389), “Apesar de toda a ilustração e de toda informação que se difunde (até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual [...]”, pois a universalização do mercado trouxe a contradição entre a formação cultural e a sociedade de consumo e da informação. Dela não resulta a cultura e o saber, tampouco a não-cultura e o não-saber, mas a semicultura e o semientendido. Disso resulta a própria inaptidão que se tem em realizar experiências formativas, porque se interpõe entre o sujeito e a experiência a produção da indústria cultural com sua rapidez, informações difusas e toda a influência explícita baseada nas relações de mercado que determinam como se relacionar com o mundo.

Essa realidade se volta à educação e à própria capacidade de aprender. Resulta em uma indisposição que pode ser entendida como um julgamento. Os estudantes sentem-se completamente formados e educados e, por isso, dispensam qualquer experiência mais profunda. Dessa forma, Adorno ressalta que o não saber, que a não-cultura, ou seja, a ingenuidade e simples ignorância permitem uma relação mais profunda com a aprendizagem. Contudo, são qualidades sujeitas à velocidade das relações de produção e consumo (1996b, p. 397). Podemos nos deter no exemplo do exame geral destinado aos candidatos à vaga no ensino superior estadual de Hessen, Alemanha. Os candidatos compreendiam que a história da filosofia era um conhecimento dissociado de problemas atuais, ou até mesmo dos problemas do passado que a geraram. Estudaram com a finalidade de serem aprovados no exame e, para isso, bastava citar algumas frases soltas e desconectadas. Talvez compreendessem ser desnecessária qualquer relação mais profunda com o conhecimento.

Contemporaneamente, podemos analisar a produção de livros que tentam convencer sobre a possibilidade de compreender sistemas e autores complexos em tempo recorde: 10 minutos, por exemplo. Ainda, há a educação a distância que se promove no *slogan* da flexibilidade das aulas e dos horários. As aulas podem ocorrer nos finais de semana ou a cada quinze dias, com o adendo de as leituras poderem ser feitas em qualquer lugar, pois quem faz o horário é o próprio estudante. Cabe ressaltar que é praticamente impossível compreender um sistema filosófico, por exemplo, com leituras mínimas de 10 minutos. Também é refutável o argumento de que é possível ler em qualquer lugar, a caminho do trabalho ou de casa, por exemplo. Ler exige método, atenção, tempo, disposição física e mental. A educação que é ofertada nesses moldes não objetiva formar integralmente, ou melhor, formar para a resistência e adaptação. Essa educação

## **Sobre a contemporaneidade do fenômeno da semiformação: uma análise a partir do ensaio ‘A Filosofia e os Professores’**

tem como finalidade o desenvolvimento de habilidades destinadas ao cumprimento imediato e restrito das necessidades do mercado de trabalho.

São ofertados às massas inúmeros bens de formação cultural, mas eles se encontram previamente neutralizados e petrificados, pois são negados os processos reais de formação para sua apropriação viva. Esses bens não são experienciados, são consumidos. A educação, por exemplo, tornou-se uma mercadoria e o estudante, um cliente. Ao estudante é disponibilizada, através da tecnologia, uma série de recursos didáticos, livros, obras de arte, toda a produção imaterial possível. Isso sem levar em conta que, na maioria das vezes, ele não tem tempo livre para dedicação e usufruto disso tudo. Nesse fator também está o fenômeno da semiformação.

A semiformação se caracteriza por esse verniz: a ideia da disponibilidade e distribuição democrática do conhecimento, da sua acessibilidade pela tecnologia que não discute as possibilidades reais de compreensão e experimentação. Resulta em um embotamento, um falso entendimento, uma falsa formação levada a cabo na educação formal e nas relações pessoais.

A semiformação impede o desenvolvimento da autonomia, mas é no seu próprio contexto que se deverá buscar os resquícios da formação cultural, a dimensão verdadeiramente formativa de tudo o que citamos acima, propondo uma educação para a autonomia e, portanto, para a autocrítica que reviva nos sujeitos a aptidão para realizar experiências formativas.

### **A semiformação daqueles que pretendem formar**

No ensaio *A filosofia e os Professores*, Adorno aponta uma situação paradoxal: trata-se da ausência da formação cultural ou da inaptidão à experiência formativa dos futuros professores. A alusão que faz ao exame, prova geral de filosofia para docentes em ciências, nas escolas superiores do Estado de *Hessen*, Alemanha, demonstra sua preocupação em relação a uma situação que se apresenta como tendência mundial. Trata-se da instrumentalização do processo formativo: a valorização da instrução em detrimento da formação, ou seja, a instrumentalização administrada das consciências pelos mecanismos de poder que conduzem à semiformação.

Adorno questiona o sentido da aplicação do exame e analisa o público, futuros docentes no ensino superior. Observa com temor aqueles que se “[...] sentarão defronte a eles” (ADORNO, 1995, p. 53), pois percebe nos resultados e no comportamento dos jovens aspectos da semiformação. Neste ponto, chama atenção para as consequências que surgirão do “[...] espírito deformado e inculto [...]” destes futuros docentes. São consequências que vão além das exigências formais não atendidas pelos examinados.

As regras do exame de filosofia deixam claro que se deve avaliar “[...] questões essenciais para a formação viva atual [...]” do professor (ADORNO, 1995, p. 54). Nenhum candidato precisa ter formação filosófica específica. O exame deve avaliar apenas “[...] se o candidato aprendeu o sentido formativo e o potencial formativo de suas disciplinas profissionais, habilitando-se a compreendê-las a partir das questões filosóficas, pedagógicas e políticas vivas da atualidade” (ADORNO, 1995, p. 54). A exigência deve ser

feita a qualquer outro profissional, pois diz respeito àquelas capacidades que vão além do seu aprendizado profissional restrito.

Trata-se do desenvolvimento da capacidade de reflexão e conscientização. É a capacidade de refletir sobre a própria profissão, sobre o que se faz, sobre o sentido e valor profissional, refletir sobre si mesmo. Adorno observou que essas competências não estavam presentes na maioria dos seus entrevistados que seriam professores e que essas lacunas indicariam a inaptidão dos candidatos em realizar experiências formativas. É consequência da redução da formação cultural ao âmbito profissional, ou seja, da formação especializada e fragmentada, cujo objetivo de dar conta das demandas profissionais desconsidera a formação cultural.

De acordo com Adorno, a formação “nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (1996b, p. 389). Quando se considera apenas o âmbito do desenvolvimento profissional da formação se desconsidera e se exclui a preocupação sobre que tipo de sujeito queremos formar e para que sociedade o formaremos. O que acontece é um afastamento do sujeito da cultura que o gerou, o que o incapacita para pensar e transformar o mundo que o cerca. Sua compreensão de cultura fica a critério da indústria cultural que a toma como um nicho econômico. Temos um círculo vicioso que se renova e que impossibilita o sujeito de alcançar sua maioridade, sua autonomia. Consequentemente, têm-se professores “máquinas”, sem aptidão, experiência ou até mesmo hostis, que estarão em sala de aula formando jovens.

Neste ponto caberia destacar a transformação da formação em mercadoria pela indústria educacional, a educação orientada pelas mesmas regras de mercado que orientam a circulação de qualquer outra mercadoria ou produto. Em decorrência, temos redução do tempo destinado à formação cultural, pois a educação transformada em produto prioriza a formação técnico-profissionalizante de racionalidade produtivista.

Adorno faz referência à necessidade de pensar toda e qualquer profissão como uma prestação de contas ou de serviço à sociedade que somente é possível se a educação considerar a formação integral, uma formação que priorize a maioridade e, dessa maneira, o desenvolvimento da consciência verdadeira nos sujeitos. Por consciência verdadeira, podemos entender a capacidade de se emitir decisões e análises a partir da própria consciência em um movimento que objetiva modificar a realidade que se observa. Adorno pensa na educação necessariamente voltada à democracia. A democracia somente se consolida quando cada um se serve do seu próprio entendimento (ADORNO, 1995, p. 169). Por isso, destacamos que, além de sua função privada, da formação voltada para o trabalho – adaptação – a educação deve entender-se como função pública, guiada pela ideia de bem comum, que só é possível através de uma formação com vistas à maioridade, à experiência formativa do aprender por intermédio da motivação.

Não há como negar a necessidade de formar também para o trabalho, mas a crítica adorniana se volta ao abandono do sentido clássico da formação, que é expressão da crise social moderna, da crise do trabalho formador, em especial, da questão da articulação entre processo de trabalho social e processo de formação cultural. Nesse sentido, Adorno destaca que não há uma formação para a resistência, mas apenas para a adaptação.



## Sobre a contemporaneidade do fenômeno da semiformação: uma análise a partir do ensaio 'A Filosofia e os Professores'

No ensaio *A filosofia e os Professores*, o filósofo salienta que a semiformação é expressa nas falas dos próprios candidatos quando afirmam o desejo de uma avaliação profissional específica, pois “[...] a filosofia [e eu diria as humanidades] sobrecarrega [...] e ainda por cima uma disciplina com que a maioria não mantém vínculos” (ADORNO, 1995, p. 58). O desejo sempre é de que a prova seja sobre temas muito bem específicos, como a história da filosofia, por exemplo, o que de acordo com o filósofo não contribui muito para o potencial intelectual e formativo dos candidatos. A preocupação imediata é sobre se realmente é importante, relevante, aquilo que está sendo exigido. Enfim, “[...] depara-se com a consciência reificada ou coisificada (ADORNO, 1995, p. 60), ou seja, inaptidão a experiência que culmina no comportamento heterônomo, não livre do pensamento. Para esses, as humanidades não passam de disciplinas. Um exemplo deste comportamento é citado por Adorno:

[um candidato] indagado sobre Descartes referiu-se bastante bem à argumentação das *Meditações* [...]. A seguir a conversa voltou-se [...] à substância extensa e à sua determinação meramente matemático-espacial [...]. Perguntado acerca das consequências filosóficas [...] o candidato declarou muito honestamente que isto ele não sabia; ou seja, ele compreendia Descartes [...] mas nunca tinha pensado um pouco além [disso] (1995, p. 61).

A simples concentração especializada o desviou completamente de uma experiência mais profunda, exatamente o que caracteriza a semiformação: o comportamento que dispensa a formação mais ampla, que se restringe ao verniz do falso entendimento, da certeza e apego a informações e a técnica em detrimento da formação. O que se constata é a completa ausência da *Bildung*, formação cultural e, neste caso, temos um agravante muito maior, pois falamos daqueles que serão formadores das futuras gerações.

Adorno evidencia que a formação cultural não pode ser adquirida simplesmente por meio da frequência de cursos. Adorno também não deve ter imaginado os cursos a distância, especialmente os de licenciatura, ofertados quinzenalmente. Estes mostram, como ressaltado nos parágrafos acima, a subordinação da formação ao mercado econômico, no qual a formação cultural é abandonada aos critérios da indústria educacional, gerando um grande descomprometimento com as futuras gerações e com o mundo. A formação cultural, nas palavras de Adorno, diz respeito mais a uma disposição de espírito. Isto é, abrir-se na tentativa de apropriar-se conscientemente, vivamente do que se pretende compreender. De forma poética, o filósofo diz que “[...] para haver formação cultural se requer amor; e o defeito [...] se refere à capacidade de amar” (1995, p. 64), quer dizer, a incapacidade de realizar experiências formativas. Essa incapacidade impede o pensamento autônomo, como se as próprias pessoas dispensassem previamente o peso de serem autônomas e se lançassem ao pensamento vigente, a lideranças e crenças.

A formação cultural não é possível apenas com a frequência em cursos ou pelo acesso democratizado aos bens culturais infinitamente disponibilizados. Mesmo com toda a informação e com a democratização da educação, o ofertado é semiformação. A inclinação da educação, a adaptação e a incapacidade do sujeito de ler e interpretar a realidade de maneira original e crítica o coloca em um círculo vicioso. Acessar os bens culturais e formação superior não significa sujeitos autônomos, emancipados, apenas bem instruídos. Esses sujeitos dedicar-se-ão à conservação de si mesmos pelo trabalho, mas sem, no entanto, constituir sua própria identidade através da experiência pelo trabalho no mundo.

A prova geral de filosofia que Adorno cita se converteu em um simples instrumento. Em vez de conduzir os candidatos ao encontro de si mesmos, de promover o comprometimento intelectual com a profissão que escolheram, na verdade, apenas aumentou ainda mais a semiformação, demonstrando o que chama de fracasso da formação cultural. A instrumentalização do exame geral de filosofia nos serve como uma analogia para pensarmos na própria instrumentalização da formação. Como ressaltou Goergen e antecipadamente observado por Adorno, “[...] a educação corre o risco de transformar-se num complexo e poderoso mecanismo de adaptação do indivíduo ao sistema social vigente” (2009, p. 6).

Como contraponto, o filósofo pensou em uma formação para experiência formativa, uma formação que compreendesse a necessidade da adaptação do sujeito, e também, se mantivesse como resistência. A formação pensada assim possibilita o pensamento e agir autônomo. Seria uma proposta que vai a contramão do que usualmente compreende-se por formação. Uma tentativa muito mais de resistência, de se opor a essa tendência mundial e que se daria essencialmente pela conscientização e reconhecimento do que impede a autonomia, a emancipação.

### Considerações finais

Procuramos investigar, no primeiro item deste artigo, a contemporaneidade do fenômeno da semiformação, reconstruindo a argumentação de Theodor W. Adorno presente na *TS*. A investigação por menorizada recaiu aos impulsionadores da semiformação. Como Adorno coloca, é necessário pensar para além das reformas pedagógicas, é necessário prestar a atenção às questões objetivas que tornam possíveis a semiformação. Deste modo, apontamos a influência da indústria cultural à formação, entendendo que a falsa democratização dos bens culturais e a produção e divulgação de informações criam uma situação paradoxal: dados e informações são lançados com a mesma rapidez que se tornam obsoletos e descartáveis. Adorno escreveu o texto *TS* influenciado pelo seu século. Porém, destacamos que os pressupostos da semiformação continuam atuantes com o agravante de termos uma educação voltada quase que exclusivamente às demandas do mercado de trabalho e, ainda, regida sob as mesmas leis do mercado.

Também destacamos a redução da formação a simples instrução que, conseqüentemente, culmina na inaptidão das pessoas para realizar experiências formativas. Não se trata da ausência de formação, mas da hostilidade que se apresenta frente a essa. Compreendemos que a democratização da cultura e a ampliação ao acesso à educação formal, por exemplo, por si só, não seja suficiente enquanto formação para o sujeito. Isso pois esquece-se que a educação também foi apreendida pela mesma lógica mercantil que transformou a produção cultural imaterial em simples mercadoria. Nesse sentido, voltamos nossa atenção à formação ofertada às gerações nos perguntando sobre: Para que estamos formando? Quem estamos formando? Quem está formando as novas gerações?

Nesse ponto, é oportuno nos voltarmos ao momento no qual as revoluções quase possibilitaram o acesso democratizado a formação cultural: formação como ideal de liberdade com vistas à maioria – incurso histórico reconstruído por Adorno. À população trabalhadora coube a formação destinada ao domínio da técnica, ou seja, as habilidades destinadas ao trabalho e que, economicamente mais rentável,

## **Sobre a contemporaneidade do fenômeno da semiformação: uma análise a partir do ensaio 'A Filosofia e os Professores'**

tornou-se exigência do processo educativo como um todo, pois como o próprio Adorno ressaltou, a semiformação tornou-se fenômeno mundial. A semiformação, em sua forma geral, pode ser compreendida como toda aquela formação cujo objetivo seja instruir, com base em uma educação rápida, diretamente voltada às exigências do mercado de trabalho e que não problematiza informações, dados ou pesquisas lançadas e democraticamente acessadas. É uma educação despreocupada com a formação do próprio sujeito, com sua formação para o mundo, com a função pública de sua profissão.

Por fim, no segundo item, procuramos analisar a apreensão de Adorno a respeito da semiformação daqueles profissionais cuja função é formar as novas gerações. As apreensões de Adorno mantêm-se contemporâneas, pois a semiformação também se estende à formação dos professores. Como pensar em uma formação com vistas à maioria se os próprios professores se encontram semiformados? Essas questões se apresentam como desafios para a educação. Nesse sentido, como propor que a formação tenha em vista a formação da maioria? E ainda, como a formação cultural pode se fazer presente em um contexto de semiformação? Adorno não é um teórico da educação, mas suas reflexões sobre o homem e a sociedade o impulsionam, mesmo que indiretamente, a elaborar um arcabouço para pensarmos sobre a atualidade da formação cultural.

### **Referências**

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_; Horkheimer, M. Conceito de iluminismo. In: ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultura, 1996a, p. 17-62.

\_\_\_\_\_. Teoria da semiformação. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, a. XVII, n. 56, p. 388-411, 1996b.

CENCI, Ângelo V.; DALBOSCO, C. A.; FÁVERO, A. A. A formação cultural como exigência para a formação docente: aproximações a partir das concepções filosófico-educativas de Adorno. In: KUIAVA, Antônio E.; SANGALLI, Antônio I.; CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2008. p.107-125.

DUARTE, R. Esquematismo e semiformação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 441-457, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 30 set. 2014.

GOERGEN, P. L. **Sociedades complexas e formação de professores**. Passo Fundo, 2009. (Palestra proferida no Colóquio Sociedades Complexas e Formação de Professores).

PUCCI, B. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A. Á. **Educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 89-115.

\_\_\_\_; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A. Á. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento. In: \_\_\_\_\_. **Textos seletos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ZUIN, A. Á. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. **Cadernos Cedes**, a. XXI, n. 54, p. 9-18, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 30 set. 2014.